

Ana Luiza Andrade, Rodrigo Lopes de Barros, Carlos Eduardo Schmidt Capela (Orgs.). *Ruinologias: ensaios sobre os destroços do presente*. Florianópolis: EdUFSC, 2016. 422 p.

Na segunda metade de 2016, a Editora da UFSC lançou a coletânea *Ruinologias: ensaios sobre os destroços do presente*, organizada pelos professores Ana Luiza Andrade (UFSC), Rodrigo Lopes de Barros (Boston University) e Carlos Eduardo Schmidt Capela (UFSC). O livro é composto por mais de mais de 400 páginas de textos de autores consagrados e jovens pesquisadores, reunidos no volume em questão graças ao trabalho conjunto de seus organizadores – que não somente selecionaram e ordenaram os textos, mas também assinam ensaios de autoria própria – e da equipe editorial da EdUFSC, que nos últimos anos vem trazendo ao seu catálogo importantes títulos nas áreas de humanidades, incluindo textos de teoria literária produzidos no Brasil e traduções de obras ainda inéditas por aqui.

Embora se trate de um livro composto majoritariamente por ensaios, como seu subtítulo indica, nele surpreende a presença de outros gêneros textuais intercalados, que sinalizam literariamente as séries temáticas abordadas nos textos ensaísticos¹. Logo nas primeiras páginas, a larga epígrafe dá o tom heterogêneo do volume: trata-se de um fragmento do poema *Siesta em Xbalba e de volta aos Estados Unidos*, escrito por Allen Ginsberg², que apresenta a passagem entre a contemplação de antigas ruínas Maias e o olhar para a moderna da cidade de Nova Iorque, revelando, diante desse

¹ Trata-se dos seguintes textos: *As ruínas ou meditação sobre as revoluções dos impérios*, de Conde de Volney; *A ruína*, de Georg Simmel; *Uma arte de fazer ruínas*, de Antonio José Ponte; *Uma metáfora da esperança: as ruínas*, de María Zambrano; *Entre as ruínas*, de Euclides da Cunha e *Fragments sobre a psicologia do inseto*, de Jean-Henri Fabre.

² Tradução de Ibriela Bianca Berlanda Sevilla feita exclusivamente para a coletânea *Ruinologias: ensaios sobre os destroços do presente*.

contraste entre o velho e o novo, a transitoriedade e a impermanência constitutivas da existência humana e sua presença nos espaços naturais e construídos.

Com o poema de Ginsberg, abrem-se as séries que alicerçam a arquitetura do livro, compostas por blocos de textos reunidos de acordo com seus temas e objetos, classificados como *Tugurizando* de I a VI, indicando uma espécie de *ocupação* realizada pelos organizadores do signifiante *tugur* e suas derivações. Essas, por sua vez, aparecem ficcionalizadas e teorizadas pelo escritor cubano Antonio José Ponte, autor do conto *Uma arte de fazer ruínas*, que não só figura no livro em tradução inédita³, mas motivou outros dois dos ensaios ali presentes⁴.

No conto de Ponte, *tugures* é como são chamados os habitantes da cidade subterrânea de Tuguria, que resiste ao desabamento dos edifícios maltratados da cidade superior, a Havana em processo de arruinamento. Interessante notar que a palavra tugúrio, em português, remete não somente a uma pequena habitação, mas também às palavras abrigo, toca e refúgio, significantes cujos espectros semânticos implicam tanto a noção de morada estabelecida, de propriedade habitável, quanto de um espaço ocupado, tomado por apropriação e até mesmo ressignificado através de usos não previstos quando de sua execução.

Essa abertura de significação da palavra tugúrio – morada que pode ser, ao mesmo tempo, um espaço habitado por ocupação – se faz presente também no último ensaio do livro, cujo título bastante significativo é *A modernidade de uma linguagem em ruínas: contra-arquiteturas*, de Ana Luiza Andrade. Através de exemplos literários, imagéticos e até mesmo científicos, a autora chama atenção para a vida quase secreta dos insetos, que com seu trabalho repetitivo e extremamente organizado constroem sobre a terra complexas arquiteturas, ao mesmo tempo em que podem silenciosamente corroer e parasitar corpos naturais e construídos. De modo a ilustrar suas reflexões, a autora traz ao leitor fotografias e fragmentos textuais que demonstram não somente devir-humano nos insetos, mas também seu possível movimento contrário, o devir-inseto nos homens, travando, assim, um diálogo com as chamadas *literaturas menores*.

³ O conto de Antonio José Ponte, *Uma arte de fazer ruínas*, assim como os ensaios *Ubi sunt? As ruínas do Oriente Médio nas crônicas dos viajantes espanhóis do século XIX*, de Lily Litvak e *Nas ruínas de Detroit*, de José Antonio González Alcantud, foram traduzidos por Diego Cervelin.

⁴ Trata-se dos ensaios *A fala que antecede a queda: a museificação de Havana*, de Rafaela Scardino, e *Os tugures e a memória: uma construção em ruínas*, de Djulia Justen.

No ensaio de Ana Luiza Andrade, a Tuguria do conto de Antonio José Ponte, contra-arquitetura cavada por baixo de Havana, é apresentada em sua relação parasitária com a cidade de cima. Para além do plano ficcional, a autora traz ainda o curioso exemplo do “Buraco, 118” em São Paulo, um conjunto de casas cujas fachadas arruinadas ainda não haviam sido completamente derrubadas e que, em seu plano inferior, abrigavam uma espécie de labirinto construído e ocupado por mais 400 usuários de crack⁵.

Movimentos de desterritorialização e apropriação do espaço urbano similares a esses são trazidos também por José Antonio González Alcantud em seu ensaio *Nas ruínas de Detroit*. Alternando impressões pessoais e registros fílmicos, o autor descreve como a cidade norte-americana passou de símbolo da utopia capitalista para seu estágio atual de deterioração e abandono, no qual “as pessoas que restam querem sobreviver junto com sua cidade”⁶ e aquelas que ali chegam são em sua maioria imigrantes, muitas das quais só permanecem por considerarem seus lugares de origem ainda piores que Detroit.

Nos ensaios anteriormente mencionados, assim como em outros presentes na coletânea em questão, chama atenção o olhar que os autores lançam para as transformações do espaço urbano e as construções que o compõem. Não menos importantes são os habitantes desses espaços arruinados, que a eles atribuem novos sentidos e constroem suas vidas em cima ou abaixo dos restos civilizatórios. Ao trazer à tona essas histórias, que muitas vezes transitam entre o real e o ficcional, os autores resgatam a dimensão literária de uma linguagem de ruínas, cuja ligação com a política se faz ver nos destroços deixados pelo progresso, que insistentemente a literatura e a arte tentam ressignificar. Nesse sentido, é relevante retomar a definição de literatura menor proposta por Deleuze e Guattari:

A literatura menor é totalmente diferente: seu espaço exíguo faz com que cada caso seja individual e seja imediatamente ligado à política. O caso individual se torna então mais

⁵ A discussão acerca dos modos de vida dos usuários de crack e as políticas públicas que progressivamente vêm desocupando os espaços habitados por esses indivíduos se faz premente, dado o atual retorno a práticas de higienização e extermínio de populações marginalizadas, que na atual prefeitura de São Paulo tem encontrado sua máxima expressão.

⁶ ALCANTUD, José Antonio González. *Nas ruínas de Detroit*. In: ANDRADE, Ana Luiza; BARROS, Rodrigo Lopes; CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt (Orgs.). *Ruinologias: ensaios sobre os destroços do presente*. Florianópolis: EdUFSC, 2016. p. 88.

necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele.⁷

Dentre os casos individuais que remetem a outras histórias, outras ruínas, destacam-se dois ensaios presentes na seção *Tugurizando II: Leonilson: lugar do corpo, do nome*, de Júlia Studart, e *Zweig: a ruína, o arquivo e o fantasma*, de Maria Augusta Vilalba Nunes. No primeiro, são aumentadas no microscópio as pequenas inscrições do artista cearense Leonilson em suas peças artísticas: seu próprio nome, outros nomes próprios, palavras avulsas. Na leitura desses rastros imagéticos, Júlia Studart arma uma operação que busca “tocar o vivido feito um homem que escava”⁸, recuperando a memória do artista cuja obra tangencia sua própria biografia – a homossexualidade, a AIDS e suas zonas de amores, como definido pela autora. Operando de maneira similar, isto é, através do resgate da memória pelas imagens, o ensaio de Maria Augusta Vilalba Nunes traz à luz o arquivo deixado pelo escritor Stefan Zweig e uso dele feito pelo cineasta Edgardo Cozarinsky em *Zweig* (1998), filme que produziu em sua homenagem e que leva seu nome. Em ambos os textos, o tema das ruínas é apresentado através de fragmentos para a reconstrução dos rastros deixados por Zweig e Leonilson, convocando o olhar para essas vidas que foram postas em jogo e cuja memória remete a tantas outras deixadas no esquecimento.

Já no ensaio que inaugura o bloco *Tugurizando IV*, intitulado *Uma metáfora da esperança: as ruínas*⁹, de María Zambrano, a memória é resgatada através da contemplação de antigas ruínas romanas, nas quais a ausência do que outrora as habitava faz a autora rememorar sua infância. Numa digressão autobiográfica, Zambrano descreve a lembrança de seus tempos de menina, em que suas angústias eram apaziguadas por uma senhora que nada a dizia diretamente, mas que mesmo assim transmitia sua sabedoria por meio de parábolas e metáforas, como os antigos narradores orais pensados por Walter Benjamin.

A partir dessa lembrança de velhas histórias contadas de modo poético, a autora nos conduz à bela e potente interpretação de que as ruínas também conteriam em si

⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 26.

⁸ STUDART, Júlia. Leonilson: lugar do corpo, do nome. In: ANDRADE, Ana Luiza; BARROS, Rodrigo Lopes; CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt (Orgs.). *Ruinologias: ensaios sobre os destroços do presente*. Florianópolis: EdUFSC, 2016. p. 103.

⁹ Tradução de Rodrigo Lopes de Barros.

uma metáfora: a da esperança dos homens que erguem edifícios e o inevitável arruinamento dessas construções, nas quais a natureza penetra e prevalece sobre a vontade humana.

O edificar é um triunfo do homem sobre a natureza, como é também a história, a tarefa histórica tão estranha para um contemplador não humano, se houvesse. E nas ruínas, o humano tornou-se abatido sem ficar apagado. Daquele triunfo – e todo triunfo humano traz ou leva soberba – ficou algo que já se enlaça com a vida vegetal triunfadora, que corre livremente brotando entre as colunas quebradas e os muros abatidos. Uma fusão entre a natureza e a história tem lugar, uma pacificação, uma reconciliação de onde nasce essa especial beleza que, semelhantemente àquela que se desprende da tragédia grega, traz a “catarse”. [...] As ruínas são em realidade uma metáfora que alcançou a categoria de tragédia sem autor. Seu autor é simplesmente o tempo.¹⁰

O gerúndio *Tugurizando* escolhido para nomear as séries textuais da coletânea *Ruinologias* indica ao leitor, portanto, que a escolha de seus organizadores aponta para uma concepção de obra e texto coerente com o tema central do volume: as ruínas, em seu caráter impermanente e inacabado, por um lado se revelam nas construções arquitetônicas (inevitavelmente sujeitas aos efeitos da atuação humana e das forças da natureza), por outro lado aparecem no aspecto da montagem do próprio livro, que abre séries de leituras e convidam à construção de novos tugúrios textuais. Desse modo, o leitor de *Ruinologias* é incluído no jogo entre o *feito/ sendo* pensado por Maurice Blanchot, isto é, encontra-se entre a simultaneidade da presença da obra realizada e o devir de sua realização: “logo que é feita, cessando de ter sido feita e não dizendo nada mais do que isto: que ela é.”¹¹

Na contramão de um pensamento determinista sobre as ruínas, a coletânea *Ruinologias: ensaios sobre os destroços do presente* nos impele, por fim, a lançar aos textos nela contidos um duplo olhar de *ruinólogo* – aquele que não só se dedica como estudioso aos fenômenos de arruinamento, mas que também se deixa atrair pelo fascínio diante das imagens de ruínas.

Adriana Garcia Varandas

Universidade Federal de Santa Catarina

¹⁰ ZAMBRANO, María. Uma metáfora da esperança: as ruínas. In: ANDRADE, Ana Luiza; BARROS, Rodrigo Lopes; CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt (Orgs.). *Ruinologias: ensaios sobre os destroços do presente*. Florianópolis: EdUFSC, 2016. p. 218.

¹¹ BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 336